

CDU 75-



237

EGAS MONIZ
PRÉMIO NOBEL

ANTÓNIO SAÚDE
GRANDE PAISAGISTA

MUSEU
NACIONAL
DA
CIÊNCIA
E DA
TÉCNICA



RC
MNCT
75/76
MON

Sala A
Est. 12
Tab. 4
N.º 3

CDU 72

ANTÓNIO SAÚDE
GRANDE PAISAGISTA

SEPARATA DAS

«PUBLICAÇÕES DO
MUSEU NACIONAL
DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA»

INV.- Nº 2501

EGAS MONIZ
PRÉMIO NOBEL

ANTÓNIO SAÚDE
GRANDE PAISAGISTA



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

AC

MNCF

75/76

MON

MUSEU
NACIONAL
DA
CIÊNCIA
E DA
TÉCNICA



EDAS MONIZ
FEMINIO NOVEL

ANTONIO SAUDE
GRANDE PASTICISTA



11
12
13
14



15
16
17
18

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Independentemente da publicação, em livro, que está a ser feita pelo Ministério da Educação e Cultura do inédito de Egas Moniz — António Saúde, Grande paisagista —, tal como foi indicado atrás no artigo — Egas Moniz, crítico de arte — foi decidido incluir neste número 4 das «Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica», comemorativo da passagem do 1.º Centenário do Nascimento de Egas Moniz, o texto integral do inédito, embora desacompanhado das fotografias dos quadros pintados por António Saúde, referidos neste texto. Com isto pretende-se não prejudicar o interesse que o público venha a ter pelo aparecimento do livro, numa bela edição de luxo, com uma capa especialmente desenhada pelo notável artista, professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, José Cândido.

Também foi decidido publicar aqui a reprodução fac-similada da carta que Egas Moniz enviou ao seu amigo Moreira Fernandes que lhe havia solicitado o trabalho, carta que contém elementos curiosos das relações pessoais existentes entre os três amigos: Egas Moniz, António Saúde e Moreira Fernandes.

Por fim, quero que fiquem aqui consignados os meus sinceros agradecimentos à Ex.^{ma} Senhora, viúva de Moreira Fernandes, que religiosamente conservou o original, bem como ao Ex.^{mo} Senhor Engenheiro Ginestal Machado que aconselhou a oferta do trabalho ao Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

MÁRIO SILVA

As escolas de Silva Porto e Carlos Reis continuaram com os seus discípulos, hoje mestres e cultores da obra que os grandes pintores da paisagem portuguesa criaram em Portugal. António Saúde é dos que soube inspirar-se na Natureza e nos aspectos modestos dos recantos da nossa terra. Pintou no estrangeiro motivos similares e tratou-os com a maestria de sempre; mas foi a nossa luz, as nossas águas, as nossas árvores, os prados dos montes e das várzeas, o desmazelo de alguns escaninhos das nossas povoações, que mais seduziram o seu pincel e sobretudo a espátula que foi o único a manejar em Portugal, com a graça e suavidade de um mago da forma e da cor, em pedaços de tinta, como que arremessados ao acaso sobre a tela.

Falta-me competência técnica para me explicar sobre a obra de António Saúde. Isso não importa. Tenho a convicção, à luz de críticas que ficaram célebres, de que a apreciação das produções artísticas não carecem dessa competência. O belo impressiona sempre e traz ao cérebro a emoção artística que enleva e delicia. Todos os que admiram um quadro podem dar o seu depoimento, a condenar ou a valorizar com a sua opinião favorável os méritos do artista. Assim, apenas como espectador das telas que fizeram vibrar a minha sentimentalidade, tenho deixado as minhas impressões em páginas que não quero reclamar, porque não passam de confissões individuais das emoções experimentadas.

Visitei muito museus e exposições, cá e, sobretudo, no estrangeiro. Deleitava-me em ler as apreciações dos críticos às obras novas que surgiam nos salões do ano, e não menos os estudos feitos por escritores ilustres sobre as grandes criações do passado. Prendia-me em especial a pintura, mas a arquitectura e a escultura também me detinham nas horas vagas do meu trabalho profissional.

Alguns médicos foram sempre dados a assuntos de Arte. Temos exemplos vários e de notáveis personalidades no meio clínico. E não só de críticos verbais; mas também de escritores de mérito. Acresce ainda haver muitos que coleccionam quadros e obras de Arte. Os

antiquários têm larga freguesia entre os seguidores das doutrinas de Hipócrates.

Como muitos outros, andei meses em torno de uma peça de louça de boa casta, ou de um quadro que me impressionou quando o preço era alto para os recursos de momento. Mas quando o objecto merecia, ia-se juntando até prefazer a conta. E as contrariedades surgiam quando alguém se antecipava a adquiri-lo.

A vida do coleccionador, mesmo modesto como o que escreve estas linhas, é cheia de contrariedades; mas também tem os seus momentos de triunfo. Não vem para aqui relatar episódios a que não falta pitoresco, mas que seriam descabidos neste trabalho.

Tenho comprado em antiquários alguns quadros de que gosto, sem me preocupar com o nome do Autor que secundariamente verifico. O que é interessante aos meus olhos, o que me prende pela composição e pela côr, o que me dá o regalo espiritual da impressão do belo, é o que prefiro e procuro conseguir.

Lembro-me da última exposição de quadros de António Saúde. Todos bons, alguns óptimos. Conhecia e admirava o Autor, mas mais me prendia a sua obra.

A paisagem sempre me seduziu, talvez por ser aldeão e ver reproduzido na tela o passado visual juvenil e adolescente das digressões sadias pelo campo e os inesquecíveis passeios na linda Ria de Aveiro.

Não é só o passado; é o presente.

Nunca me canso de contemplar a Natureza, em lausperene primaveril ou nas sombras inverniais. O campo delicia-me. Trato-me de tu, com choupos de roupagem branca, admiro os pequenos pinheiros de copa virente e fechada, os cedros de ramos virados ao céu, em adoração, e até as ervas humildes, às vezes associadas às papoilas rubras em policromia bizarra, que bordam as veredas que levam aos outeiros, por onde os rebanhos sobem pachorrentos.

Os quadros de António Saúde dão-me estes e outros aspectos que, por os amar, muito os compreendo.

O seu quadro «Caminho de Colares» dá-nos uma dessas paisagens em que as árvores e as plantas rasteiras se casam numa harmonia magnífica, vendo-se ao fundo a serra alcantilada de Sintra em que a verdura contrasta com as rochas escuras em projecção admirável no céu límpido duma tarde de primavera. O artista surpreendeu a beleza desse trecho da Natureza em que pequenas árvores erguem os braços no espaço, tomando atitudes de protectoras das ervas rasteiras que as cercam e as tornam maiores.

As terras cultivadas também atraíram a sua paleta de consumado paisagista. Recordarei esse trecho da «Seara do António dos Galos» em que se vê prometedor e viçosa com um fundo de azinheiras que se destacam em planos mais distantes.

A paisagem é a fixação de uma tarde a esmorecer. Os longes tornam-se menos nítidos, perdem a agressividade da luz dos meio-dias fortes de verão, suavizam-se em tonalidades mais doces.

A Natureza é sempre diferente. É por isso que este género de pintura nas mãos de um grande artista, como é António Saúde, perde a monotonia, segundo a pôde surpreender nas diversas fases do ano e nas gradações luminosas do momento em que as surpreendeu.

«A Manhã de Outono», que mereceu uma medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, e que já conta mais de meio século (1901) é a Natureza a aureolar-se da luz fraca da manhã. Das árvores caem folhas; uma está quase despida para entrar no sono invernal, enquanto cedros, ao longe, desafiam os aguaceiros do inverno prestes a desabar. Pequenos tufos de plantas sem futuro, derramam-se pela terra talvez condenadas a uma morte que não vem longe; mas ressuscitarão mais tarde aos beijos acariciadores da Primavera.

As pontes foram, desde há séculos, mesmo em épocas em que a paisagem não tinha o culto que hoje lhe dedicam os artistas da Natureza, motivos pictóricos apreciados. Sobretudo as velhas pontes romanas, umas ainda robustas, outras derreadas pelos anos, pelas quais perpassaram muitas e variadas gerações. António Saúde não podia fugir à regra.

A sua «Ponte romana do Churiço» é um quadro magnífico da sua última época (1946), de maravilhosa composição, a que as velhas árvores que a contornam dão graça e vida na sua forma esguia e irregular. Os seus arcos redondos e a estrada, com lages, que lhe dá acesso, levam-nos à época remota em que os conquistadores viajavam por terras de Gouveia onde se fixaram em colónias de que já se não conhece a história. É o rodar da vida, das civilizações e das necessidades prementes, indispensáveis às imposições da civilização e da existência.

Num outro quadro «Margens do Rio—Arcos de Valdevez» a paisagem é mais complexa. Sobre a ponte passa uma mulher em direcção a casas modestas da outra margem, tipicamente portuguesas, com as suas janelas irregulares e escalonadas na colina que sobe do outro lado. Têm ar acolhedor. Dariam boa boroa e vinho verde a quem chegasse com fome à sua porta.

É um belo quadro que os longes tornam mais perfeito na cena

rústica de uma aldeia modesta do Norte onde não há desavenças, nem a escassa população se preocupa com os problemas da guerra atômica ou outras trágicas convulsões discutidas em terras de maior tomo populacional, e em que se pressagia, a cada hora, o fim da humanidade.

Uma das predilecções de Mestre Saúde é pintar a água. E como sabe trazer à tela os seus segredos, as suas ondulações, as sombras que nela se projectam, o seu mistério! O mar, os rios e até os pequenos regatos murmurantes têm segredos impenetráveis para o vulgo. Mas são menos insondáveis para os artistas do quilate de António Saúde. Vivem com eles em tal intimidade que se compreendem como amigos inseparáveis. O tom, a transparência, as quedas espumantes das águas mansas dos nossos rios, têm encantos especiais para Saúde. O rio reflecte as torres das igrejas no quadro «Margens do Rio — Arcos de Valdevez» com tanta verdade e delicadeza que o pequeno arvoredado que à direita procura a lentidão do leito do rio, nos não prende a vista, dominada pela precisão com que a sua espátula soube fixar a imagem invertida dos templos e casario no espelho da água.

A arte de António Saúde, a sua experiência técnica e a sua emotividade a vibrar em todo o conjunto da tela, deixa-nos ver como progride e melhora sempre os seus trabalhos. A água tem a transparência e a diafaneidade dos melhores painéis dos mestres que o antecederam e a que ele juntou o coeficiente pessoal da sua originalidade bem portuguesa.

As margens do Rio Ave proporcionam-lhe motivo para dois preciosos quadros em que há a tranquilidade das cenas campestres dos papiros chineses de antanho, num meio luminoso em que cantam aves e se ouvem ao longe, as toadas melodiosas do nosso Minho. Um deles «Horas Nostálgicas», apresenta um aspecto meio selvático em que uma árvore desgrenhada se continua na água sossegada e clara do rio que segue numa curva curiosa. Todo o conjunto mostra um recanto que convida à meditação e recorda uma dessas pousadas silenciosas onde os monges rezavam a bíblia em arroubos de paz paradisíaca. Na outra margem desdobra-se a paisagem em tonalidades calmas, onde a vista se perde sem que o pensamento a ajude na sua peregrinação.

No outro quadro mais rico em água e arvoredado, em que vibra a opulência vegetal nortenha, «Poente nas margens do rio Ave», está em apoteose a Natureza. Cai a tarde, mas não faltá ainda a luz a espalhar reflexos no rio que lembra um espelho de cristal de Veneza, onde a vegetação se projecta com surpreendente nitidez. Mestre Saúde sabe aproveitar a paisagem que vê e reproduz com exactidão; mas traz-nos

com ela o encanto da sua espátula em revérberos de divinização. Que lindo este poente que se desdobra em aspectos ligeiramente tristes, de luz suave, a dar ainda vida e forma às árvores que cercam as águas sossegadas, como as de um pequeno lago, pois deslizam tão mansamente que do seu movimento não dá conta a superfície que reflecte o céu em que não passeiam nuvens.

As azenhas são da predilecção dos paisagistas. Não sei se alguns fugiram à tentação de as trazer às telas, em aspectos mais ou menos sugestivos.

Vê-se a corrente da água a accionar a mó no quadro «A Azenha do tio Gabriel», que se alimenta do rio Ave, num conjunto modesto de rusticidade, em que se nota a mísera casa do Moinho, muito envelhecida pelo tempo, a tornar-se maior na projecção da água. Há melancolia no conjunto; e sentimos passar sobre a tela uma névoa de sonho. Parece que está para surgir da porta, a moleirinha gentil, enfarinhada, com a modesta taleiga que leva a gente de família que não vive longe. Prende-se a vista à água do rio, às árvores esguias e aos longes do Ave que desaparecem em desvio natural. O fundo é de cenário impreciso que a luz não ilumina bem. Num outeiro à esquerda, por sobre o moinho, casas modestas e árvores de baixo porte que compõem a encosta. Tudo rústico, mas com a beleza serena que só um grande artista sabe imprimir às paisagens pouco espectaculares.

«A azenha do Fulão», outro quadro do Mestre, desenvolve-se em ambiente diferente. Mais casas, mais pedras e pouco arvoredo. É uma azenha muito à vista, com a sua roda típica de pinho da terra. Neste moinho deve haver mais vida do que na do «tio Gabriel», embora o veio da água que o anima não seja tão potente, a rumorejar no plano baixo da composição. É doutra região, surpreendido esse trabalho, para os lados de Famalicão.

As casas que se acumulam em diferentes andares do outeiro, têm outro ar, mostram regular construção. Não são de ricaços, mas de gente abastada. O moleiro é aqui um pequeno industrial, que sabe favorecer-se com razoável maquia. Que, desde que a freguesia não falte, os moleiros vivem com o seu pouco, em relativa abundância. É o que desejamos suceda ao do sítio do Barroco, que deu bom motivo pictórico ao Mestre Saúde, cuja obra estamos examinando, em forma de crónica ligeira, ao correr da pena.

Antes de abandonar a descrição de algumas paisagens do Mestre, em que a água é motivo fundamental, desejo referir-me a um quadro seu que me toca pela porta «A Ria na Bestida». Sou da região. Durante

a minha infância vivi numa casa cercada de quintal que, por um dos lados, quase batia num dos braços da Ria. Ali se construíam ao tempo barcos em abundância, desde as pequenas caçadeiras e bateiras, até aos elegantes barcos moliceiros, aos sólidos mercantéis e, por vezes, a fragatas com destino a Lisboa, que quase sempre davam o maior trabalho a colocar, através do esteiro da Ribeira da Aldeia, na parte mais larga e mais funda da Ria, em marcha para o mar.

A Ria de Aveiro tem tentado muitos pintores que se instalam nas imediações, aproveitando os inúmeros motivos que lhes surgem a cada passo, para exercitarem o pincel e a paleta. E não só pintores, também literatos. Raul Brandão passou ali semanas, no barco, com os homens da profissão, para escrever o seu belo livro — Pescadores.

A Ria de Aveiro é, sem dúvida, um dos mais belos lugares da terra portuguesa. Digo-o com imparcialidade, embora me prenda ao magnífico estuário a recordação da infância das tardes em que, fugido à vigilância da casa, me recreava em qualquer bateira abandonada, pelo esteiro da Ribeira, entre intermináveis juncais. Estou certo que em breves anos terá, no meio das diversões turísticas nacionais, o lugar que merece.

As horas passam despercebidas a recrear a vista pelas paisagens variadas das margens, com os longes das aldeias, onde avultam as torres das igrejas e o branco das casas que se acumulam para abrigar as numerosas famílias da densa população que, de tempos imemoriais, ali se fixou.

Falam de emigrações fenícias e gregas. Deve ter havido uma amálgama de raças de navegadores costeiros de recuadas épocas, milénios atrás, quando ainda o português não era balbuciado pela gente que hoje habita esse precioso rincão da nossa terra.

António Saúde pintou e bem, com precisão e delicadeza, a Ria, a altura da Bestida, onde ela é mais rica, lembrando por vezes, abstraindo das margens sempre presentes, um pequeno mar que, não é raro esbravejar em fortes ondulações.

O cenário da Bestida é dos mais surpreendentes, com o fundo dos Palheiros da Torreira, que se vão transformando em boas moradias, e o constante movimento dos barcos com as velas brancas pandas, ao vento, na mor parte, carregadas de moliço, as algas preciosas que, com pesados ancinhos, arrancam do fundo das águas. É ele que dá a fatura das colheitas das terras, arenosas e pobres, que cercam o belo estuário.

Passa de vez em quando um barco mercantel trazendo mercadorias,

a lenha que vem de longe, através do rio Vouga, para suprir a falta de combustível das freguesias ribeirinhas, a cal que dá a brancura das casas que nos deslumbra, e o ferro que as forjas dobram e trabalham.

Se Mestre António Saúde, que continua a movimentar a espátula com talento a bem da pintura portuguesa, volver a essas paragens, encontrará agora, mais do que há anos, paisagens a fixar e a valorizar ainda mais a sua Arte bem amada. Pedacos da paisagem bem portuguesa, luminosa e verdejante, que o seu talento transformaria em património valioso para a região e para o país.

Em breve deve estar concluída a estrada marginal que, de perto de Ovar, segue, passando em frente da Bestida, à Torreira, até S. Jacinto, por entre arvoredos multicolor, alternando com a visão deslumbradora do azul intenso da Ria, com o branco das velas a reflectir o sol e a projectar-se em sombras.

O Mestre encontraria tantos motivos para a sua espátula no pequeno traço de terreno que separa a Ria do Mar que, estou certo, por ali se quedaria na contemplação de uma Natureza que não tem igual em Portugal. O labor do homem fez de dois a três quilómetros de areal — ainda assim os conheci! — campos fertilíssimos e magníficas florestas em que o pinho medra ao lado das austrálias e outras espécies apropriadas ao terreno. Agora vêm-se reduzidas e mesquinhas as dunas, junto ao mar, ainda não de todo fixadas. Tudo o mais — e até as diminutas dunas! — dariam quadros como o de «A Ria na Bestida» com que o Mestre honrou a minha terra muito querida.

Afastei-me sem querer do fio do meu discurso: a apreciação de alguns quadros da imensa galeria do Mestre homenageado. O que venho expondo não tem outro objectivo senão demonstrar o valor de quem conquistou um lugar elevado entre os cultores da pintura em Portugal. Quis dar objectividade ao meu modesto comento apreciando um ou outro aspecto da vasta obra que nos legou. É uma forma agradável de interessar os que, tendo pouco saber, gostam de abordar assuntos artísticos e também chamar a atenção dos leitores que apareçam.

António Saúde sente prazer em, isolado a um canto em que a Natureza o seduziu, fazer deslizar as tintas na cópia do que vê, na pacatez do seu modo de ser modesto e meditativo. Mas não é apenas a paisagem limitada que o emociona e faz vibrar a sua sentimentalidade de artista. Também o que é grande o prende. Sirva de exemplo a contemplação e fixação na tela, da agitação do mar. «O rebotar da

onda» está nestes casos. «O Mar revolto», apanhado na Nazaré, é outro exemplo.

Contudo, importa dizê-lo, mesmo nos estudos marítimos, e bastantes tem feito, agradam-lhe mais as cenas menos teatrais e mais brandas do movimento das ondas. É a sua personalidade a fotografar-se na obra artística. Esta marca muitas vezes as tendências e qualidades dos autores, quer na literatura, quer nas obras plásticas. Já o reconheci em vários casos que não vem para aqui recordar. Saúde viu uma «Praia de Rosas» em Miramar e pintou fases menos activas do oceano, como «A Baixamar» surpreendida na Granja e Aguda. O Mestre nunca traria à tela um naufrágio movimentado nos precipícios das ondas em mar alteroso. Dificilmente, apesar do seu incontestável talento, poderia fixar em quadro, a tragédia dum barco de pesca a atacar o mar nas costas do norte, em dia de vagas picadas pelo vento em que o perigo anseia a população da praia, onde há lágrimas de mulheres e opressões violentas, mesmo em peitos de homens habituidos àquelas lutas. Uma cena dessas, que tanta vez vi desenrolar na Torreira, a praia da minha aldeia, não atrairia o Mestre Saúde. É paisagista cem por cem. E a paisagem não admite grandes lutas nem deseja grandes emoções. Millet tinha a auxiliá-lo o ambiente calmo da aldeia que o fez grande. Saúde celebrizou-se com os pequenos cenários e as perspectivas rústicas.

Mesmo que a vegetação falte, e ele é o seu grande amigo, ou se reduza a ínfimas proporções, trata-a com a mesma verdade e a mesma graça. Um caminho áspero que dá acesso ao pequeno tugúrio perdido na subida do monte, ou a rua da aldeia de pavimento escalavrado e pedregoso, ou os prédios senis do lugarejo a desmancharem-se em ruínas, tudo lhe serve para fazer Arte. Estão nestes casos o «Caminho do Churido», paisagem áspera da serra sem sombras e sem água, cerro que a espátula fixou num cenário das nossas agrestes serranias, trasladado com toda a sua fidelidade para a tela e transformado numa bela documentação rústica.

Para um pintor não há motivos feios, há apenas uma coisa que distingue os quadros, o serem os assuntos bem ou mal tratados; e a composição a que me estou referindo é um pedaço da terra portuguesa, pobre e triste, surpreendida em flagrante.

O mesmo direi de «Uma rua do lugar da Torre» em que me transporta à ruela de aldeia que já vi, não sei onde, que existe e se repete pelas pequenas estâncias montanhosas por onde vaguearam os velhos lusitanos.

E ainda na mesma orientação como fala verdade o seu «Pátio rústico» de tão interessante composição que traz rescendências da nossa velha Beira Baixa, com o decrépito armazém escurecido pelo tempo, pois a cal não abunda na região, e a escadaria tosca de granito, de pedras irregulares e coçadas pelos tamancos dos transeuntes, e a janela aberta da casa para trazer o bom ar da serra que é meio alimento dos aldeões.

António Saúde também pintou natureza morta. E que bem o fez! «A cozinha dos criados», é uma bela manifestação dessa modalidade da sua Arte. Interior de cozinha modesta, enegrecida pelo fumo que a chaminé não leva à atmosfera exterior, e com os petrechos e utensílios apropriados. As réstias de alhos pendurados nos pregos, as couves guardadas no cesto meio tombado, a cabaça pronta a engrossar o caldo e outros ingredientes da comida do trabalhador do norte. Ao lado a panela clássica de ferro, de três pés, sempre com água quente na lareira, o cântaro da água com o coco para os sequiosos e, mais distante, o forno com a porta fechada para guardar a boroa da última fornada. Só falta a cozinheira a pôr a máquina em marcha para o jantar do meio dia. Sobre o conjunto paira a verdade e o pitoresco das cozinhas de outros tempos, em casa de lavradores remediados, que têm ao lado a salgadeira com os temperos necessários.

António Saúde marcou uma fase da vida portuguesa, fixando a paisagem, dando-nos os pequenos estuários da água corrente e das ondas do mar, das ruelas das aldeias, dos caminhos pedregosos das serras, dos pátios modestos dos camponeses e de interiores despretenhosos, onde se adivinha a poupança ao lado da modesta alimentação da plebe. Deu-nos o Portugal, modesto e verdadeiro, sem ter necessidade de penetrar nos pátios ricos dos palácios, nem nos salões dourados dos fidalgos. É o pintor de aspectos modestos e das paisagens despretenhosas onde se projecta a vida dos humildes da nossa grei.

Três nomes de grandes artistas dominaram a metade do último século e as primeiras décadas daquele em que estamos: Columbano, Malhoa e Carlos Reis. Todos conheci. Columbano de cumprimento, quando com João Rosa, seu amigo e admirador, o visitava no seu atelier. Malhoa tratava-me com intimidade e devi-lhe muitos favores. Além de outras dádivas, um retrato a carvão de minha mãe e um pastel magnífico em que quis retratar-me com as vestes doutorais. Trago-o muito preso às melhores recordações da minha vida, até pela biografia que lhe tracei num banquete de homenagem que os seus amigos lhe ofereceram há mais de 25 anos. Se alguma vez a palavra me não atraí-

çoou foi nessa tarde em que todos os oradores lhe queriam oferecer, em termos amigos, os sentimentos festivos que nos animavam.

Com Carlos Reis também privei de perto. Houve motivos que nos aproximaram. Os médicos alcançam, por vezes, intimidades salutaras. Esta foi uma delas. Muitas vezes falávamos de Arte e, apesar de ser um pintor completo, fazia muitas vezes a apologia da paisagem com que ele se desvanecia. Os seus quadros de cenas movimentadas já dominavam nas exposições e foi além disso um extraordinário retratista; mas a paixão da paisagem viveu sempre no seu pincel privilegiado. Tenho um quadro deste grande Mestre de um milheiral com cabaças amarelas que é um prodígio da sua paixão campesina.

Um dia, foi em 1930, procurou-me para ir fazer uma conferência na Sociedade de Belas-Artes, na exposição do «Grupo Silva Porto». Se muito me lisonjeou o convite, também me encheu de perplexidades e incertezas na execução do mandato que me era imposto pela amizade com que me distinguia. O assunto ficava à minha escolha. Dei-lho a conhecer, esperando uma recusa, tão longe andava o assunto da rica exposição dos artistas do Grupo que Lisboa ia admirar. Aceitou-o. Desculpei-me como pude no introito do meu trabalho:

«Vir falar neste meio de loucura é despropósito de marca. Acedi a custo ao convite que me foi endereçado. Não podia recusar-me, porque se tratava de amigos e de artistas, dualidade que a minha sentimentalidade aproxima e o meu raciocínio enlaça. Entre eles, que muito valem, destaca-se Carlos Reis, mestre consagrado de recursos inesgotáveis, que se diz envelhecido por achar mais interessante ter a cabeça embranquecida, não pela neve dos anos, mas pela luz cendrada de uma tarde de primavera. Não quis recusar-me, mas não me senti com forças para enfrentar com competência, o mais simples problema de Arte. Julguei defender-me lembrando o título da palestra. Falar de loucura que anda tão longe destas paragens, seria, em meu entender, fugir ao compromisso, manifestando a minha boa vontade. Não colheu o ardil. Aceitaram o tema. E aqui estou para tratar de assunto que vai decerto desagradar, mas cuja responsabilidade não cabe a mim somente».

Ocupei-me do tema escolhido o melhor que pude, evocando a «Melancolia» de Dürer, etc., e falando de grandes artistas atingidos pela loucura: Van der Goes, Henry de Groux, Van Bosh, Goya na sua fase senil, e o célebre Van Gogh. Foi a minha iniciação nesta ordem de conferências. E forçadamente a fiz.

À minha direita, se bem me recordo, sentavam-se Carlos Reis, Falcão Trigoso, António Saúde, Frederico Aires e João Reis.

O meu modesto trabalho não desagradou. Falei de coisas estranhas que só vagamente conheciam. Acharam interessante a evocação de mestres que consideravam, embora ignorassem a sua actividade psicótica. Ficaram a saber que alguns pintores que alcançaram fama e ainda hoje são considerados como mestres abalizados, ou foram alienados de sempre ou decaíram na senilidade comprometedora. Goya, disse ter três mestres: a Natureza, Velasquez e Rembrandt. Pois acabou por pintar figuras humanas deformadas, máscaras de terror e de desgraça.

Voltando ao assunto destas notas já longas, lembro que desaparecidos os velhos mestres ficaram os sucessores. Dois deles não saíram da paisagem. Só ela os interessou: Falcão Trigoso e António Saúde, com feições diferentes. O primeiro algarvio exuberante, alegre e bem disposto, pinta sobretudo o mar largo e flores, muitas flores. As suas amendoeiras são de todos conhecidas. A subtileza do seu pincel mostra-as em magnífico esplendor, em cada pétala e no conjunto harmonioso da vegetação algarvia. Ninguém as surpreendeu como Falcão Trigoso, na sua graça e delicadeza de tons. Não me canso de as admirar. Nos recantos que aproveita para os seus painéis surge quase sempre a cor alegre das corolas modestas, ou de agremiados de canteiros mais cuidados, em que as flores se juntam em ramalhetes. Nos seus quadros marítimos, é a luz forte do sol que o encanta, quer na projecção das rochas, quer nos longes das águas, onde passam velas levadas por ventos suaves. Como António Saúde, foge à retratação das procelas. «A Praia da Rocha», no Algarve, e a perspectiva das «Azenhas do Mar», junto da praia das Maçãs, são prodígios da sua arte que à paisagem, e só a ela, dedicou a vida inteira.

António Saúde, o grande artista que homenageamos, também nunca se prendeu à figura humana. Só a vegetação, a água e a Natureza, sob os aspectos mais simples e rudes, o interessaram.

A paisagem que era há pouco mais de um século apenas motivo episódico nos quadros dos grandes artistas, passou a ser o fundamental nas telas destes dois notáveis artistas. E isso bastou a António Saúde para ser grande e deixar nome na história da pintura portuguesa.

Comparando o modo de ser dos dois paisagistas portugueses, advinha-se o feitio expansivo e alegre de Falcão Trigoso e a tendência concentrada, e reservada, com pinceladas melancólicas, de António Saúde. Os seus assuntos predilectos são os triviais, encontram-se a cada passo, existem em toda a parte.

E contudo a sua espátula faz milagres. Sabe atrair. Nas suas

telas vive a singeleza da Natureza, sempre bela nas suas sugestivas composições. Na sumária descrição de alguns dos seus quadros com que iniciámos este artigo vibra uma sentimentalidade apurada e um fino gosto de artista que de tudo tira partido, desde a ruela aldeã, das curvas dos rios, da rusticidade dos casebres, à alacridade do mar. António Saúde é um pintor que descobre Arte nas perspectivas mais modestas dos campos e dos pátios, dos regatos e dos montes. A modéstia da sua personalidade está sempre presente quando pinta. E a sua obra é grande por ter a doirá-la a suavidade das suas tintas quando entra em acção com a espátula que touxe aos seus quadros a originalidade que nenhum outro obteve. Pelo menos entre nós.

Mestre Saúde era Presidente da Sociedade de Belas-Artes quando ali fui falar sobre Silva Porto na passagem do seu centenário. Recordo um passo dessa palestra por mim quase esquecida, pois foi há meia dúzia de anos e a memória, apesar de pouco atingida, vai desmaiando com o rodar do tempo:

«Um quadro é a eflorescência do sentimento que o pintor transporta à tela, no enlevo de uma nobre aspiração, preso a um sonho de beleza, subindo em torvelinhos até ao infinito. Se o quadro não sai como o artista o concebeu, nem a decepção destrói o encantamento a que andou preso semanas e meses. Os que apreciam quadros podem ter sensações diferentes, mas quando a beleza tomou forma e cor, acaba por ter em torno os seus devotos que se não cansam de voltar a admirá-los».

São deste quilate as telas de António Saúde, prendem e deslumbram, na sua simplicidade, pelo realismo que contêm. Basta notar o número das pessoas que hoje se juntam a admirar os seus trabalhos. Tenho pena que não se possam reunir na sua maior parte, numa exposição em que o conjunto e especialmente a evolução da sua Arte, pudesse ser estudada para fazer realçar o seu mérito excepcional. É apenas paisagista, dirão alguns. É, para mim, uma das suas grandes virtudes, porque conseguiu elevar a paisagem e impô-la mesmo àqueles que como Watts, consideraram a paisagem, sem mais nada, como não tendo significado. A este propósito disse na conferência de Silva Porto: «Para mim a paisagem possui suaves encantos. As árvores conversam comigo, os arroios, a saltarem nos fragedos, cortam a tela em veios de prata, os montes trazem-me longínquas evocações e os horizontes a perderem-se em mansidões de nuvens, dão-me uma vaga noção do infinito».

António Saúde!

Se acaso tivesse jeito para ser pintor, e infelizmente fui sempre

desastrado no desenho, cultivaria a paisagem que na minha vida quotidiana procuro surpreender, fora de portas, nas pequenas digressões que faço. Mas sendo destituído de qualidades para a fixar na tela, delicio-me em ver os seus quadros em que, ao lado da Arte está a sua individualidade que dá às telas a suavidade calma dos eleitos e a tonalidade especial de uma modéstia que é o encanto dos seus quadros e da sua pessoa.

EGAS MONIZ

Prémio Nobel



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA - PRESIDENTE
DA CLASSE DE CIÊNCIAS

Ex.^{ma} - Senhor

J. Moreira Fernandes,

Muito prezado amigo:

Pelo seu cartão pareceu - um den-
jado artigo longo. É vai avante,
fardo! Apesar de médico a letra
é' ainda tolerável. Para não te-
nhamos como sair, emagarecendo
da revisão. Depois 1.^{as} provas (1.^a
prova de as revistas) e as 2.^{as} com a
colocação das grammas, numeradas
para valorizar o trabalho e facilitar

a monstrosia. Venho pedir. Na
 que as grammas sejam de minha
 tapura mas sobrecarregar a des-
 pesa do volume. Ha 2 que não
 enumeradas no catalogo (10 e 16) e
 que não conheço.

Tambem deixo 50 separatas
 de minha conta.

Cria - me

Amigo e obrigado

25/1/55

Egas Moniz



Recursos

P.S. Deujs que me enviou, u
- fuo fursional, uma fotografia e pres
do quadro "A via na Beatitude". Se
me enviou (deujs tambem saber as
dimensoes do quadro), fiz as Laide
que e um seu amigo que o deujs
nao quer que ele saiba que e
para mim.

Amigo de

Leandro

25/1/55





RÓMULO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329688943

